

## A INVISIBILIDADE DO NEGRO GOIANO.

Cristiane Maria Ribeiro<sup>1</sup> – Universidade Federal de Goiás/FE – [crismariaufg@hotmail.com](mailto:crismariaufg@hotmail.com)

Fonte financiadora: PIBIC.

### Resumo

Esse texto esboça os resultados preliminares de uma pesquisa cujos objetivos são: analisar as políticas públicas voltadas para o combate à discriminação racial em âmbito escolar; identificar as concepções de negro e educação que orientam estas políticas; verificar quais são suas metas, os avanços e as limitações. A discussão aqui explicitada centra-se em apresentar a ausência de reflexão sobre os enfrentamentos aos quais a população negra está sujeita no campo educacional no Brasil e em especial em Goiás. O texto mostra que as pesquisas sobre a educação do negro goiano são escassas, que as poucas que existem sinalizam a existência de discriminação racial, revelam as profundas desigualdades raciais no estado, uma vez que mostram que os negros concentram maior índice de pobreza, em comparação aos demais grupos raciais, são menos alfabetizados, tem menos anos de estudo, que eles enfrentam desvantagens crescentes quanto mais se avançam no grau de ensino. As pesquisas descrevem os sofrimentos, as discriminações que o negro e sua religião sofrem, o descaso do poder público em relação às escolas presentes nas comunidades de remanescentes de quilombos, por fim reiteram as tentativas de invisibilizar, inferiorizar os professores negros e suas reações quase sempre pautada na auto-negação, no retraimento, a fuga da realidade.

Este texto tem como objetivo explicitar a escassez de estudos que abordam a questões relacionadas ao negro no Estado de Goiás. As reflexões aqui expressas são resultados preliminares da pesquisa “O negro nas políticas públicas de educação no Brasil: impasse ou exclusão” cujo objetivo é analisar políticas públicas de educação para a população negra, identificando quais são suas metas, avanços e limites.

Fizemos uma revisão da literatura sobre a educação da população negra brasileira tentando identificar sua condição, os percalços enfrentados pelos negros e a situação da produção do conhecimento sobre o negro e a educação no Brasil e em particular em Goiás. Sobre a produção nacional sobre o negro e a Educação no Brasil RIBEIRO (2005, p.184) já

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

havia mostrado que existem certas peculiaridades.

(...) são realizados em sua maioria em universidades públicas, nem todas foram financiadas. A maioria das pesquisas foram produzidas e realizadas na região Sudeste. A região Norte está praticamente descoberta em se tratando de região em que se produz e realiza investigação sobre a temática o negro e educação. Existe uma sinalização para o aumento de investigação sobre a temática e por fim as pesquisas representam a confirmação de que no Brasil o preconceito e a discriminação são institucionais uma vez que mostra os prejuízos que a população negra encontra em todos os aspectos e níveis dentro do sistema de ensino. RIBEIRO (2005, p184).

O Centro Oeste brasileiro apresenta uma escassez de estudos sobre o negro e a educação, situação também diagnosticada por RIBEIRO (2005, p 171) ao constatar que apenas 3% das pesquisas sobre negro e educação foram realizadas nesta região do país.

CABRERA (2006, p.180) fala que especialmente em Goiás, há um vazio na temática sobre as culturas negras, segundo a autora, o negro, como sujeito da história, esta ausente ainda dos estudos sobre a escravidão, que focalizam, principalmente, o dado massivo. Ela destaca que nas obras de Martiniano J. Silva *Sombra dos quilombos* (1974) e *Quilombos do Brasil Central*, (2003), há uma tentativa de mostrar alguns traços da vida cotidiana, mas esses ficaram sem conexão, como elementos dispersos. Em Brandão, em *Peões, pretos e congos* (1976), ela identifica a preocupação em ressaltar a identidade étnica dos camponeses minifundiários em Goiás, porém permanece dentro do grande tema social sobre o campesinato goiano e suas relações com o avanço do capitalismo na região. Outro estudo do autor, *A festa do santo preto* (1985), é uma descrição, nos limites do folclore, da

feira da congada de Catalão. Brandão publicou também *O divino, o santo e a Senhora* (1978) mantendo os marcos sociais de interpretação.

CABRERA (2006, 182) diz ainda que a falta de interesse ou a rejeição pelas temáticas, tanto das religiões negras como as do ensino médio, revela-se na revisão das dissertações e teses de pós-graduação em Educação e em História da UFG. Ela diagnostica ainda (2006, p.187) que discriminação religiosa e cultural, a *demonização* e os estereótipos de selvagem, tribal e atrasada para referir-se as religiões negras contribuíram para estigmatizar as praticas religiosas negras no ambiente das cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia.

Especificamente sobre a situação educacional da população negra goiana temos o trabalho de RATTI, COSTA & BARBOSA (2006) que fizeram uma pesquisa para analisar a conjuntura da educação formal e informal nas comunidades negras rurais Kalungas, considerando as dimensões social, espacial e cultural no cotidiano dessas comunidades.

Os autores indicam que as escolas existentes na área Kalunga, são frutos das iniciativas locais, comunitárias, situação esboçada pelo ensino e pela adaptação ou construção de escolas, a baixa presença ou ausência do poder publico, até o inicio da década de 1990, predominando edifícios precários, salas multisseriadas, professoras leigas e o esforço de familiares e lideranças para que crianças, adolescentes e jovens estudassem. Segundos os autores (p. 313) outros problemas existem, como pouco espaço na sala de aula para a quantidade de alunos(as), evasão, falta eventual de merenda, ausência de transporte para professores, livros didáticos com predomínio de imagens urbanas, furto de equipamentos (bateria solar) e a necessidade de uma biblioteca.

Outro trabalho de pesquisa sobre o negro goiano é de OLIVEIRA (2006) que em sua investigação procurou compreender , nos discursos de feministas de mulheres negras de uma organização não-governamental de Goiânia, os significados atribuídos à interseção entre raça, gênero e orientação sexual e de que modo essa interseção influencia a militância feminista de mulheres negras, lésbicas ou não. A autora procurou entender a maneira como essas feministas negras pensam as imagens moldadas em torno da sexualidade das mulheres negras, como elas percebem a construção da identidade e a militância das

mulheres negras lésbicas e como elas vêm a inserção destas mulheres ou de suas bandeiras no próprio grupo.

Os dados da pesquisa mostraram que ser mulher traz toda uma carga de injustiça social e discriminação e que existe uma insistência de grande parte da sociedade para que essas mulheres não se identificassem como negras.

O trabalho de Vila Real (1996) que analisou as escolas da comunidade Kalunga ( território de predominância afro-descendente), o autor constatou que neste local a porcentagem de analfabetos é de mais de 80%, os professores não tinham formação específica para dar aulas, os professores reclama das dificuldades , são infrequentes, as aulas não são planejadas, os professores acham que os alunos são ”preguiçosos”, alguns chegam a afirmar que a maiorias dos alunos são deficientes. Os alunos gastam até uma hora e quarenta e cinco minutos de viagem pra chegar à escola, as salas são multisseriadas, o horário das aulas é irregular, a infra-estrutura das salas é precária (chão batido). Os materiais didáticos ( cartazes) soa velos e desatualizados. Segundo o autor.

“As aulas, além de incipiente, são bastantes monótonas, são constantemente interrompidas com as idas e vindas das professor, da sala de aula para a cozinha, para a preparação da merenda”.

VILA REAL (1996, 89).

O horário de aula na escola, excluído o tempo do recreio, varia de 2:55 horas a 1:05 horas de aula propriamente dita.

MACHADO (2007) por meio de memória e narrativa das experiências pessoais e profissionais detectou que aqui em Goiás os professores vivem experiências de racismo e de discriminação que aconteceram de maneira, ora velada, ora explícita, dentro ou fora do contexto escolar, do ambiente de trabalho, dos ambientes de diversão e até mesmo no ambiente familiar. Segundo a autora são ambientes onde as discriminações aconteceram, delegacia, comércio; vendedores ambulantes; relações conjugais; administração pública; consultórios médicos.

A autora salienta que também no ambiente escolar os atos de discriminação acontecem, mostrando que há uma tentativa de inferiorizar os professores destinando os *afazeres menos prazerosos, como a faxina da escola, os trabalhos extras de final de semana ou aquelas tarefas que ninguém quer fazer, acabam sempre destinados aos professores negros* (MACHADO 2007, p.128).

“Ainda, na escola os responsáveis pela gestão – diretores, secretários, coordenadores, supervisores quase sempre não acreditam que os negros possam desempenhar função de docentes, muito menos de gestores. A discriminação se revela em adjetivos utilizados para qualificar os negros: incapazes, incompetentes, insolentes. No dia-a-dia, as professoras e o professor negro observaram que para muitos a cor da pele é que determina a capacidade de uma pessoa”. (MACHADO 2007, p.127).

Os dados da pesquisa também mostram o quanto os processo discriminatórios interferem na auto-estima destes professores fazendo com alguns tentem fugir, ou se livrar das características que são comuns aos negros, que tenham vontade de se esconder, não trabalhar em repartições públicas ou em lugares que fiquem expostos, enfim querem ficar sempre na retaguarda.

Temos ainda o trabalho de SANTOS (2000) cuja hipótese foi a de que as oportunidades educacionais estão associadas ao critério cor uma vez que o ponto de partida e o ponto de chegada de negros e brancos ocorrem de maneira diferenciada. Em sua investigação utilizou os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- 1987(Pnad/1987) e o Censo Demográfico de 1991. Os dados da Pnad mostraram que os negros não usufruíram, na mesma proporção que os brancos, das oportunidades sociais e materiais no final dos anos 80, de acordo com os dados, pretos e pardos ficaram retidos nas áreas rurais onde as oportunidades de acesso ao sistema escolar são muito menores e, portanto, a exclusão educacional é mais intensa (p65).

A pesquisa mostrou que pretos e pardos se encontram em situação econômica mais desfavorável que os brancos, o que denota maiores índices de pobreza nessas camadas. Pretos e pardos são mais pobres, sendo que o segmento preto se distingue por ser mais pobre ainda. (pág.75).

Em relação à alfabetização a pesquisa mostrou que em Goiás 83,40% dos brancos são alfabetizados, enquanto 53,68% dos pretos e 75,12% dos pardos o são, sendo assim, quase metade dos pretos 46,32%, não se alfabetizaram, sendo esses percentuais menores para brancos e pardos, respectivamente, 16,60% e 24,88%.

No tocante aos anos de estudos os dados evidenciaram que o maior contingente de pretos (35,98%) se localiza na faixa de menos de 1 ano de estudo; para os brancos e pardos os percentuais dessa faixa estão mais próximos, embora com vantagem para os primeiros, sendo de 12,51% e 19,00% respectivamente.

Os dados do censo de 1991 de acordo com SANTOS (2000, p.102) também confirma as desigualdades educacionais dos negros em Goiás.

“Em suma, os estudantes pretos têm menores possibilidades de chegarem até a última série do ensino fundamental levando, evidentemente, a conclusão que o ingresso no ensino médio se torna algo distante uma vez que retenção e desistência nas séries do ensino fundamental impossibilita a entrada de contingentes maiores de estudantes pretos no ensino médio”.SANTOS (200, p102).

O autor é categórico ao constatar a existência de desigualdades raciais no que diz respeito a forma com negros e brancos percorrem a trajetória escolar ao longo de permanência no sistema de ensino. Em síntese

“Por conseguinte, poderíamos caracterizar a situação

educacional de Goiás como segregacionista uma vez que maiores graus de ensino implica em menores possibilidades dos negros em chegarem a sua conclusão, levando-os a, posteriormente, ocuparem postos de trabalho correspondente à sua baixa formação escolar”.SANTOS (2000, p.125-126).

Podemos concluir então que a situação do negro em Goiás tem sido raramente explorados, porém os poucos trabalhos que existem tem mostrado a existência da discriminação em todos os setores da vida social, mostra o alto índice de desigualdade racial em Goiás, além da omissão da administração pública com a educação em territórios de remanescente de quilombos.

## BIBLIOGRAFIA

- CABRERA, Olga. As representações sobre as religiões afro-brasileiras no Ensino Médio em Goiânia e Aparecida de Goiânia (GO). In: BRAGA, Lúcia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha de Souza; PINTO, Ana Flávia Magalhães (orgs.) Dimensões da inclusão no ensino médio : mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.
- GONÇALVES, Luiz A. de O De preto a afro-descendente: da cor da pele a categoria científica. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (orgs.). De preto a Afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil. São Carlos: EdUFSCAR, 2003.p.15-24.
- MUNANGA, Kabengele. (org). 100 anos e mais de bibliografia sobre o negro no Brasil. São Paulo: Fundação Cultural Palmares, 2003.
- OLIVEIRA, Vanilda Maria de. Um olhar interseccional sobre feminismos, negritudes e lesbianidades em Goiás.Dissertação de Mestrado. Sociologia. UFG. 2006.
- RATTS, Alessandro J. P; Kênia Gonçalves Costa; BARBOSA, Douglas da Silva. Obstáculos e perspectivas dos Kalungas no campo Educacional. ). In: BRAGA, Lúcia

de Santana; SOUZA, Edileuza Penha de Souza; PINTO, Ana Flávia Magalhães (orgs.) Dimensões da inclusão no ensino médio : mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006

RIBEIRO, Cristiane Maria. O projeto educacional para a população negra brasileira: articulações teóricas e desdobramentos práticos. In: SILVA, Sérgio Pereira da. Teoria e prática na Educação – O que dizem: novas tecnologias; inclusão; avaliação; história da educação; estágio; psicologia da educação; didática e filosofia da educação? Catalão. Ed. UFG. 2008.

\_\_\_\_\_. Pesquisas sobre o negro e a educação no Brasil: um análise de suas concepções e propostas. Tese de Doutorado. (Educação). UFSCar. São Carlos. 2005.

SANTOS, Cleito Pereira dos . Educação e desigualdades raciais em Goiás. Dissertação de Mestrado. UFMG. Belo Horizonte. 2000.

VILA REAL, Rosolino Neto de Souza. *Cultura e Currículo*: um estudo da escola Kalunga. Dissertação de Mestrado em Educação. Goiânia, Faculdade de Educação/UFMG, 1996.